



As mulheres poetas do slam e a ocupação do espaço público: algumas reflexões

Slam women poets and the occupation of public space: some reflections

Sthefanie Magalhães Castro Paiva

Mestranda em Comunicação Social (2022- atual), Universidade Federal de Minas Gerais,
<https://orcid.org/0000-0003-0044-3277>, sthefaniempaiva@gmail.com

Recebido em: 02/05/2023 / Aceito em: 03/08/2023
DOI: 10.12660/rm.v14n24.2023.89301

Resumo

Este artigo apresenta uma discussão teórica a respeito da participação de mulheres no *slam*. Os *slams* são campeonatos de poesia falada e performada, onde um júri popular, escolhido aleatoriamente pelo público, dá nota aos (às) poetas, levando em consideração principalmente o conteúdo da poesia e a performance. A princípio foram discutidos os aspectos da esfera pública e privada a partir de uma perspectiva de gênero; em seguida, foi construída uma reflexão sobre a performatividade na esfera pública, a dependência e vulnerabilidade do corpo vivo. Na última parte, foi apresentada a escrita de si como uma forma de resistência na tentativa de fraturar a valoração negativa que é imposta sobre os corpos femininos.

Palavras-chave: Gênero; Performatividade; *Slam*; Espaço Público; Escrita de si.

Abstract

This article presents a theoretical discussion about the participation of women in slam. The slams are spoken poetry competitions where the poets only use their body and voice during declamations, giving a performative character to their performance. At first, aspects of the public and private sphere were discussed, then a reflection was built on performativity in the public sphere, the dependence and vulnerability of the living body, and reflections were also presented on the sphere of appearance focused on a media perspective. In the last part, self-writing was presented as a form of resistance in an attempt to break with all the negative valuation that is imposed on female bodies.

Keywords: Gender; Performativity; Slam; Public Place; Self Writing.

Introdução

Neste artigo a questão do gênero é associada à reflexão sobre corpos precários e práticas de resistência ligadas à expressão de grupos que performam seus enunciados artísticos nos espaços públicos, com um recorte para o *slam*, uma vertente da cultura de rua. Nota-se como a cultura de rua se apresenta como porta-voz de grupos subalternizados, ao tematizar os problemas estruturais da sociedade, trazendo para os demais as narrativas de pessoas excluídas, demonstrando a urgência de se pensar e se conscientizar sobre a realidade socioeconômica dessas pessoas subalternizadas. Dentro dessa cultura, existe uma série de movimentos que criam instrumentos artísticos de intervenção que denunciam o sistema e como ele perpetua práticas discriminatórias; são sujeitos que denunciam uma disposição social que é desigual e estigmatizadora. A cultura de rua se apresenta, então, de várias formas pelas cidades e é um refúgio de muitos jovens vulneráveis na sociedade e que enxergam, nessas práticas, oportunidades para obterem conhecimentos em áreas como a música, a literatura, os esportes, a arte de maneira geral. Performances como o duelo de MCs, que consiste em batalhas de rimas, e os *slams*, onde os adversários disputam para saber qual a melhor poesia declamada, são vistas como ocupação e ressignificação do espaço público onde todos podem fazer parte e contribuir, mostrando seus talentos ou como incentivador do talento do outro.

As poesias declamadas pelas poetisas tematizam os desrespeitos e injúrias derivadas do patriarcado, do machismo e da divisão sexual do trabalho, muitas vezes trazendo relatos de situações negativas vivenciadas, devido às relações assimétricas de poder. Um exemplo dessas poesias que denunciam essas formas de opressão é este trecho da poesia de Luiza Romão (2018), chamada “Relatos de um país fálico”:

[...] eu olho pra caneta
e eu tenho certeza
que eu não escreverei mais
o nome desse país
enquanto estupro
for prática diária
e o ideal de mulher
a mãe gentil.

Além disso, outros assuntos de interesse social como saúde, educação e segurança pública também são tematizados. Suas performances e poesias compartilham situações de violência, o descaso das instituições, e buscam a inserção

dos corpos femininos nos espaços presenciais de luta política. Há uma tentativa de expor de que maneira existe uma dimensão política nestas performances, uma vez que os espaços não domésticos estão sendo ocupados por mulheres, lugares que sempre foram, de alguma maneira, negados a elas.

Slam (ou *poetry slam*) é uma competição de poesia falada onde os(as) poetas declamam suas composições. O primeiro *slam* foi criado em Chicago na década de 1980 e o intuito foi o de popularizar a poesia e torná-la acessível a um público que não frequentava os eventos convencionais de leitura de poesia e os espaços intelectuais vinculados à academia. O fenômeno só chegou ao Brasil nos anos 2000, por meio de Roberta Estrela D'Alva que, em 2008, juntamente ao Núcleo Bartolomeu de Depoimentos, criou o primeiro grupo de *slam* brasileiro, o Zona Autônoma da Palavra (ZAP!) em São Paulo. Além de atriz, D'alva é também produtora cultural, poeta e pesquisadora, sendo bacharel em Artes Cênicas pela Universidade de São Paulo, mestra e doutora em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). D'alva é membra fundadora do Núcleo Bartolomeu de Depoimentos, companhia criada em 1999 e que utiliza elementos da cultura hip-hop na realização de seus trabalhos teatrais (IGNÁCIO, 2018).

Atualmente existem campeonatos estaduais, nacionais e o campeonato mundial. Em 2022, o campeonato mundial aconteceu na Bélgica, embora tenha ocorrido na França nas edições anteriores. Alguns *slams* são exclusivamente femininos, de maneira que as competições só ocorrem entre mulheres, como é o caso do *Slam* das Minas, que teve seu primeiro grupo criado em 2015, em Brasília. Essas disputas, nas quais apenas mulheres recitam suas poesias, estão presentes em diversos estados do Brasil, como no Rio de Janeiro, São Paulo, Bahia, Pernambuco e Rio Grande do Sul.

De acordo com D'alva (2011), podem existir pequenas variações, mas na maior parte dos lugares onde ocorre, as competições possuem três regras básicas: as poesias devem ser autorais; o(a) poeta necessita declamá-la em no máximo três minutos; e não é permitido o uso de adereços, figurinos e acompanhamento musical ou visual, sendo permitido utilizar somente os recursos da voz e do corpo. Segundo Smith e Kraynak, (2009), existem 5 características que definem o que são os campeonatos de *slam*, sendo elas:

1) o slam é poesia (que incorpora narrativas e retóricas de muitas formas diferentes); 2) o slam é performado (as poesias são apresentadas de maneira precisa e profissional como em qualquer outra arte performática, o que configura a principal distinção do slam dentro do campo da poesia - a fusão das artes da performance com a arte de escrever poesia); 3) o slam é competitivo (a competição não é o ponto central mas é um elemento essencial - o público tem a palavra soberana sobre o que considera bom ou ruim); 4) o slam é interativo (pois encoraja o feedback do público, que se torna um parceiro ativo de tudo o que acontece); 5) o slam é comunidade (como uma família de pessoas que participam e celebram tanto a poesia quanto a sua performance) (SMITH; KRAYNAK, 2009, p. 5-6, *apud* LIÉGE BARBOSA, 2019, p. 4).

Nota-se que a interação entre todas as pessoas envolvidas constrói uma comunidade, e isso é imprescindível para que o evento não se torne algo hierárquico. Para o *slam* acontecer, é preciso que compareça o número suficiente de pessoas – para preencher todas as funções, incluindo a plateia – em um espaço que pode ser uma praça, uma rua, ou outro lugar de fácil acesso e gratuito; a acessibilidade faz com que o *slam* seja comunitário e inclusivo. O *slam* é entendido como uma dinâmica não apenas de transmissão, no qual os poetas declamam suas poesias e a plateia ouve passivamente, mas ocorre uma interação em que a linguagem é o meio que faz com que essa troca seja possível.

A linguagem e o discurso são fundamentais, pois é por meio deles que as representações sociais são construídas, disseminadas e apreendidas e que o real-social é construído discursivamente (RAGO, 2013). Podem ser usados como instrumento de dominação, mas também podem ser ferramentas que abrem outras possibilidades de existência e resistência para as mulheres. É possível pensar em como as poesias declamadas e performadas nos *slams* são uma recusa em conduzir as existências de acordo com normas prescritas e que são impostas para controlar as escolhas. São práticas culturais e experiências de cada uma se somando ao conjunto de saberes pré-existentes, que são atualizados de maneira a resistir às práticas de sujeição.

Desenvolvimento

Desde a infância nos é ensinado a definir as coisas de uma maneira dicotômica e, junto a essa maneira de pensar, se associam estereótipos de comportamentos, jeitos de se vestir, de falar, e assim por diante. Isso produz enormes

desigualdades de condições de participação e apesar dos avanços no que diz respeito ao direito das mulheres, haja vista que muitas atividades ainda são consideradas como pertencentes preferencialmente a esse grupo, como o trabalho doméstico e a atenção e o zelo com os outros integrantes da família. A divisão sexual do trabalho tem destinado desde a antiguidade, a esfera pública para os homens e a esfera privada para as mulheres.

Este problema social não se constitui como algo surgido na modernidade e Hannah Arendt, em 1958, na primeira edição de sua obra *A condição humana*, apresenta reflexões sobre como na sociedade grega, a política já era algo externo à casa, lugar que era destinado às mulheres que ficavam encarregadas da organização doméstica. A autora diz que “A distinção entre as esferas pública e privada da vida corresponde aos domínios da família e da política, que existiram como entidades diferentes e separadas, pelo menos desde o surgimento da antiga cidade-Estado.” (ARENDR, 2005, p. 34). Na sociedade grega só era considerado um cidadão¹ quem estava apto a participar da *pólis*, pois era, entre outros fatores, por meio da sociabilidade que o homem se constituía como um sujeito político. As mulheres não eram consideradas cidadãs e também não eram consideradas livres, uma vez que no espaço do lar, a liberdade não existia, pois, as mulheres não tinham autonomia para de deixar o lar e participar da esfera política, onde todos eram considerados iguais.

No entanto, ao mesmo tempo em que eram considerados iguais, o domínio público era perpassado por um espírito acirrado de competição. Cada homem frequentemente tentava se diferenciar de todos os outros, tentava demonstrar por meio de feitos e façanhas que era melhor que os demais. Neste sentido, o espaço público dava a oportunidade de os homens exercerem a sua singularidade. Assim, os homens pertenciam a duas ordens de existência, pertenciam à vida privada e à vida pública, enquanto as mulheres ficavam restritas apenas ao espaço doméstico. Arendt (2005, p. 37) pontua que “O fato de que a manutenção individual devesse ser a tarefa do homem e a sobrevivência da espécie a tarefa da mulher era tido como óbvio, e ambas as funções naturais, o trabalho do homem para fornecer o sustento e o trabalho da mulher no parto, eram sujeitas à mesma premência da vida.” O homem saía, então, da sombra do lar e de seus problemas e ia ao encontro da luz da esfera pública, esfera da liberdade. Todavia, com a ascendência da sociedade, “a administração doméstica

¹ Na Grécia antiga, especificamente na democracia ateniense, somente os homens livres, atenienses e maiores de 21 anos podiam participar do debate público e das decisões da sociedade.

e todas as questões antes pertinentes à esfera privada da família transformaram-se em preocupação “coletiva” (ARENDDT, 2005).

Hanna Arendt dedicou enorme atenção à importância que o discurso tem como algo que é fundamental na esfera pública. O homem pode constituir-se como sujeito político desde que, além de outros requisitos – como a posse de terras –, ele exerça o poder da linguagem. Para exercer a política, é preciso fazer uso da palavra, pois a igualdade entre os cidadãos que participavam da esfera pública estava na possibilidade do discurso. Arendt diz que na *pólis*

A ênfase passou da ação para o discurso, e para o discurso como meio de persuasão e não como a forma especificamente humana de responder [...]. Ser político, viver em uma *pólis*, significava que tudo era decidido mediante palavras e persuasão, e não força e violência. Para os gregos, forçar pessoas mediante violência, ordenar ao invés de persuadir, eram modos pré-políticos de lidar com as pessoas, típicos da vida fora da *pólis*, característicos do lar e da vida em família, em que o chefe da casa imperava com poderes incontestes e despóticos [...]. (ARENDDT, 2005, p. 32)

A potencialidade política de um homem estava, então, totalmente vinculada à sua possibilidade de aparecimento na esfera pública. Esta citação também traz a noção da palavra e da conversa como algo civilizado e da violência como algo que não podia fazer parte da cena política, pois era algo pré-político. A violência era uma maneira de lidar com o outro que poderia ser exercido no ambiente do lar e da família, mas não no ambiente público.

Ao abordar a performatividade em sua obra *Corpos em aliança e a política das ruas: Notas para uma teoria performativa de assembleia* (2018), Butler tece uma crítica em relação à Arendt porque em *A Condição Humana*, Arendt presume que o corpo não entra no ato de fala. Para Butler, a revolução assume uma dimensão corporificada, de forma que a política não está apenas ligada ao discurso, mas também ao corpo presente no espaço público. Butler diz que “A reivindicação política é ao mesmo tempo representada e feita, exemplificada e comunicada. [...] a performatividade funciona como uma relação cruzada entre corpo e linguagem” (BUTLER, 2018,), mas também pode ser que ações políticas sejam apenas corpóreas: “Na verdade, temos que repensar o ato de fala para entender o que é feito e o que é realizado por determinados tipos de representações corporais: os corpos reunidos ‘dizem’ não somos descartáveis, mesmo quando permanecem em silêncio.” (BUTLER, 2018,). Para Butler, o apelo por justiça pode se dar de maneira silenciosa

e, mesmo assim, se constituir como uma expressão plural e corpórea, que deve ser compreendida como ato de resistência. Ao falar sobre o aumento das manifestações de massa pelo mundo, se referindo a corpos abandonados pelos governos e pela economia liberal, Butler aponta que o aparecimento dessas populações pode indicar uma reivindicação, mas não necessariamente, de pessoas que requerem o direito de serem reconhecidas, seja por meio de uma assembleia na praça, de uma caminhada pelos centros das cidades, ou de protestos.

Butler inicialmente pensa em uma teoria da performatividade associada aos problemas de gênero e, posteriormente, trabalha a questão das alianças entre várias outras minorias ou populações consideradas não passíveis de luto, descartáveis. Na busca da alteração das formas de legitimidade e visibilidade, elabora uma reflexão entre a relação da norma com a performatividade. A teoria da performatividade de gênero, formulada por Butler, não tem a intenção de prescrever o que seria certo ou errado, mas sim defender que alguns tipos de performance de gênero deveriam ser livres para transitar em quaisquer espaços, livres de preconceitos e da brutalidade da polícia e demais pessoas. Com o intuito de não tornar a norma uma verdade inquestionável, a autora questiona como certas normas são estabelecidas e naturalizadas, com o intuito de não tornar a norma uma verdade inquestionável. Para os desviantes dessa norma, a luta se constrói também em uma dimensão corpórea por reconhecimento e importância e esse questionamento é um meio para a desconstrução de lógicas que alicerçam e sustentam práticas racistas, machistas, entre outros atos estigmatizadores.

Em sua reflexão, a filósofo norte-americana se preocupa com a maneira pela qual a precariedade se configura como um estímulo para a ação política, de que forma a precariedade opera com um impulsionador do estabelecimento de alianças entre grupos de pessoas que muitas vezes não têm muito em comum, mas que se unem em busca de uma vida melhor. Em suas palavras, a precariedade

[...] designa a situação politicamente induzida na qual determinadas populações sofrem as consequências da deterioração de redes de apoio sociais e econômicas mais do que outras, e ficam diferencialmente expostas ao dano, à violência e à morte. Como mencionei antes, a precariedade é, portanto, a distribuição diferencial da condição precária. Populações diferencialmente expostas sofrem um risco mais alto de doenças, pobreza, fome, remoção e vulnerabilidade à violência sem proteção ou reparações adequadas. A precariedade também caracteriza a condição politicamente induzida de vulnerabilidade e exposição maximizadas de populações expostas

à violência arbitrária do Estado, à violência urbana ou doméstica, ou a outras formas de violência não representadas pelo Estado, mas contra as quais os instrumentos judiciais do Estado não proporcionam proteção e reparação suficientes. (BUTLER, 2018, p. 27-28)

Em um país como o Brasil, por exemplo, onde uma mulher é morta a cada 6 horas (VELASCO; GRANDIN; PINHONI; FARIAS, 2022), é bastante perceptível como a precariedade dos corpos femininos está agravada. É por isso que dizemos que os governos que gerem as populações realizam uma distribuição desigual da precariedade, pautados em normas dominantes que ditam quais vidas são consideradas merecedoras de existência e devem ser protegidas e quais não são. Nesse sentido, as normas do que é considerado humano também são formadas por modos de poder que buscam prestigiar determinados grupos em detrimento de outros. A ideia de quem pode viver ou morrer foi sendo determinada desde a era colonial e se perpetua até os dias de hoje e se demonstra muito latente dentro da lógica neoliberal e machista na qual estamos inseridos. As pessoas passaram a ser responsáveis por se tornarem economicamente autossuficientes em condições em que essa autossuficiência está comprometida, pois as populações são abandonadas pelos governos que não direcionam políticas públicas para grupos em situações de vulnerabilidade e aprofundam situações de desigualdade. Prosseguindo com esta reflexão, Butler afirma que

[...] ninguém sofre de falta de moradia sem que exista uma falha, sem que haja um fracasso social no sentido de organizar a moradia de um modo que ela seja acessível a toda e qualquer pessoa. E ninguém sofre com o desemprego sem que exista um sistema ou uma economia política que fracasse em salvaguardá-lo dessa possibilidade. Isso significa que em algumas das nossas experiências de maior vulnerabilidade em termos de privação social e econômica, o que se revela não é apenas a nossa precariedade como indivíduos – embora isso também possa ser revelado –, mas também os fracassos e as desigualdades das instituições socioeconômicas e políticas. Em nossa vulnerabilidade individual a uma precariedade que é socialmente induzida, cada “eu” vê potencialmente como o seu sentido particular de ansiedade e fracasso tem estado implicado todo o tempo em um mundo social mais amplo. (BUTLER, 2018, p. 19)

A dimensão plural das alianças tenta combater o individualismo neoliberal, pois a interdependência, como uma rede de mãos que se apoiam e que se cuidam, busca fazer com que vidas sejam vistas como igualmente valiosas. Esse conjunto de ligações e alianças se opõe aos poderes que distribuem de maneira desigual as precariedades, por isso interessa ao neoliberalismo que as pessoas se vejam

individualmente responsáveis por sua independência. Butler (2018, p. 49-50) diz que “É como se, sob as condições contemporâneas, esteja sendo travada uma guerra contra a ideia de interdependência, contra o que chamei [...] de uma rede social de mãos que busca minimizar a impossibilidade de viver uma vida vivível.” Quando as mulheres se reúnem nas praças públicas e declamam suas poesias durante os *slams*, denunciando várias formas de opressões, elas compreendem que, por mais que as opressões pelas quais passam não sejam exatamente as mesmas, a situação de precariedade é algo que compartilham e entendem a necessidade de se unirem para que juntas possam reivindicar uma vida melhor; a relação entre os corpos precários é o que cria os vínculos entre si e os encoraja a realizar um enfrentamento.

Para que essas reivindicações aconteçam, não é necessário que as pessoas sejam detentoras de algum tipo de poder; primeiro é necessário agir e por meio da ação, requerer o poder. É uma forma de agir a partir da precariedade e de se voltar contra ela. Existem também várias outras pessoas, em diferentes condições de precariedade, que podem insurgir e lutar para desestabilizar as normas vigentes e buscar maneiras menos sofridas de vidas; que lutam em prol de atenção e de instituições que não negligenciem estes corpos.

Butler, ao refletir sobre a espacialidade e as relações éticas que emergem em nossas vidas, tanto a distância como em relações próximas, e ao pensar na precariedade como um problema moral, coletivo e de justiça, aponta a realização de laços de solidariedade quando manifestantes de uma parte do mundo se revoltam e vão às ruas protestar por outras pessoas que estão sofrendo algum tipo de injustiça, em outro lugar bem distante. Essa rede de relações à qual o corpo está conectado faz com que não possamos entender a vulnerabilidade corporal sem pensar nas relações constitutivas com outros seres humanos. A vulnerabilidade não é uma condição singular, não se reduz a uma particularidade e mesmo uma pessoa adulta com boas condições de vida não deixa de ser alguém vulnerável em alguma medida. Essa pessoa pode ser uma mulher e isso ainda a inclui em um grupo vulnerável dentro da sociedade, que faz com que ela esteja suscetível a riscos e violências. A vulnerabilidade, pode ser pensada, então, como a exposição aos riscos dentro de uma sociedade, em que alguns grupos são mais vulneráveis e expostos do que outros, mas também é possível pensar em uma dimensão positiva da vulnerabilidade, na exposição com relação ao outro, porque são justamente os vínculos que nós tecemos,

sobretudo os vínculos morais com o outro, que permitem formar uma comunidade sensível.

É importante termos em mente que ser vulnerável não é ser incapaz de agir. Quando Butler (2011) aborda o conceito de vida precária, enfatiza que os sujeitos e grupos estão de maneiras diferentes expostos a situações como agressão, rejeições e até a morte, no entanto, a vulnerabilidade não é só uma condição ontológica, mas um estado que pode ser modificado, alterando o estatuto de um sujeito/grupo. Para isso, é preciso que sejam encontradas estratégias que promovam alternativas e potenciais possibilidades de ruptura.

Vulnerabilidades sociais não são imutáveis e, de acordo com Butler (2018, p. 96), “[...] embora o valor da vulnerabilidade tenha sido importante para a teoria e para a política feminista, isso não significa que a vulnerabilidade sirva como uma característica definidora das mulheres como grupo”. Vulnerabilidades são contextualmente situadas e é possível que sujeitos vulneráveis sejam afetados pelos acontecimentos sem perder a agência. Nesse sentido, declamar suas poesias nos *slams*, ocupar os espaços com seus corpos, tecer laços de amizade e solidariedade com outras mulheres são algumas estratégias de agenciamento que as *slammers* encontram para escapar ao controle e à opressão que negam a elas a valorização social; é uma maneira de escapar de enquadramentos e condições de aparição subalternizantes.

A precariedade da vida pode se manifestar também no modo como o espaço da aparência (frequentemente marcado pelos enquadramentos midiáticos) cria formas diferentes de distribuir a vulnerabilidade e fazem com que algumas populações e grupos estejam mais sujeitos à violência do que outros. Butler (2011), ao orientar a discussão para uma perspectiva midiática, desenvolve um interessante pensamento a respeito de como a mídia e os enquadramentos midiáticos estabelecem aquilo que será e não será apreendido e reconhecido como digno de valor. Na mídia, esquemas normativos de produção de sentido regulam aquilo que pode aparecer e ser ouvido.

Os pensamentos preconceituosos socialmente construídos que agem nos dispositivos de enquadre moldam um ser vivo em um sujeito reconhecível por meio da apreensão, isto é, uma forma de conhecimento associada ao sentir e ao perceber, sem utilizar conceitos, atuando na dimensão do sensível. A imagem não é só o que está representado, mas é todo um mecanismo de funcionamento que opera para produzir a aparência ou a invisibilidade.

Não sem motivo, um dos assuntos mais abordados nas poesias declamadas nos *slams* é o machismo estrutural. Nota-se uma intrínseca relação entre esses quadros de sentido mobilizados pelos discursos sociais e midiáticos quando se trata de julgar negativamente as mulheres. São enquadramentos que definem, de várias maneiras, que elas não são adequadas aos padrões de reconhecimento tacitamente legitimados. O processo de construção de quadros de sentido está diretamente ligado tanto à produção de uma forma de governo dos corpos coletivos femininos, quanto à conquista ou não de reconhecimento por estes sujeitos (BUTLER, 2011).

Além disso, de alguma forma, esses enquadramentos revelam valores e traços que constituem o contexto social mais amplo de uma sociedade. Desta maneira, é necessário buscar elementos capazes de apontar para um tipo de resistência a formas de vida prontas, ao apagamento e desaparecimento dos sujeitos em narrativas que apenas colocam em caixas os indivíduos em molduras discursivas previamente estabelecidas, capturando seus corpos em operações de constrangimentos e submissões de toda ordem. O enquadramento dispõe, assim, esquemas interpretativos que nos auxiliam a produzir e a organizar, de modo coerente, sentidos acerca do mundo, de nossas relações e dos eventos que os atravessam. Os enquadramentos midiáticos relacionam-se a padrões persistentes de cognição, interpretação e apresentação, os quais operam por meio da seleção, da ênfase e da exclusão, através dos quais os profissionais dos media organizam os discursos verbais e visuais provenientes de inúmeros contextos, sugerindo o modo “como” as pessoas devem pensar e entender determinadas questões. Nesse sentido, a exposição e o aparecer do corpo e do rosto das poetisas nos *slams* são capazes de tensionar cenas de enunciação, nos revelando uma potencialidade política de desidentificação e ruptura.

Vale ressaltar que a nossa capacidade de alterar enquadramentos e a esfera do aparecimento não é feita de fora da norma e sim de dentro da norma, produzindo desvios. Formas de representação de sujeitos empobrecidos, por exemplo, nos trazem uma ideia padronizada do que a pobreza é. Entretanto, ao ser reproduzida, vão provocar sempre fraturas, pois a reprodução das representações é sempre imperfeita e são nessas imperfeições que surgem as rupturas. O trabalho é operado sempre de dentro da norma, uma vez que para ela não há sujeito sem norma.

Em sua apresentação no *Slam Abya Yala*, durante a Festa Literária das Periferias, no Rio de Janeiro, Porsha Olayiwola, ao declamar seu poema “Fear”, nos

mostra como é possível realizar um enfrentamento diante da violência que tem como alvo, entre outros corpos, o de mulheres negras lésbicas:

Medo (*Fear*)

Minha namorada acha que,
Um dia, homens virão nos caçar.
Quando estivermos dormindo
Um bandido vai entrar em casa pela sala
Nos roubar os corpos
E nos deixar sobre o nosso próprio sinistro
Ela pergunta se fechamos todas as janelas
Se a porta está trancada, e se alguém nos viu
De mãos dadas, ela me lembra de manhã
Ela vai trocar nossos nomes na caixa de correio
Pelas nossas iniciais
Ela tem medo de que uma caixa de correio
De um apartamento com dois nomes femininos
Soam como um banquete para algum homem.
E que algumas pessoas achem que
Somos criaturas malditas adorando aos deuses errados.
À noite, ela se fecha em mim no meio da escuridão
Com as pernas apertadas à minha volta.
Eu não digo que seu medo é irracional.
Eu não digo que não há nada a temer,
Nada a nos assustar.
Eu não digo que existem historinhas felizes
Sobre negras gays.
Eu não conto as histórias que conheço
Sobre negras gays.
Como algumas de nós vão parar
Atrás de lixeiras em becos escuros.
Mutiladas, assassinadas
E deixadas como lixo.
Eu não digo a ela como
Esperar em pontos de ônibus nos faz sentir ameaçadas.
Como nossas respostas para cantadas
Escrotas dos homens nos fazem parecer difíceis.
Fazem parecer que eles têm que nos pegar
Para os fazer parecer como confetes
Vermelhos espirrados na calçada.
Como algumas de nós são convidadas para jantar
E voltam despedaçadas.
Como algumas de nós estão no conforto
De nossas casas e famílias
E ainda temos obstáculos a enfrentar.
O amor não mora mais aqui,
Assim como tivemos que enfrentar os obstáculos.
Não podemos acreditar que vamos construir um lar
Com esse tipo de amor.
Com esse tipo de amor, não serve para dar as mãos na rua.
Não serve para beijar em público
Sem provocar uma rebelião.
Não serve para ter nomes orgulhosos
Em celebração na caixa de correios como um caixão.

Não serve para caber ambos os corpos
E toda essa magia.
Como não deveríamos nunca
Ter sido colonizadas e conquistadas.
Nossos deuses não nos fizeram colidir
Para então brincar com nossos corações.
Nosso amor não é uma sentença de morte.
E digo a ela que nossas mães nunca
Nos olharão nos olhos.
Nossos irmãos vão fingir esquecer quem somos.
Nossas caixas de correios vão ficar vazias.
Eu digo a ela que, alguma noite,
Uma multidão nervosa virá no caminho de casa.
Monstros vão bater furiosos nas nossas janelas,
Mas não teremos medo.
Não vamos recuar.
Vamos levantar nossas mãos,
Cerrar os punhos
Prontas.

De forma marcante, Porsha Olayiwola declama seu poema que traz um pouco do medo e da solidão de mulheres pretas que se amam, sempre à espera de que algo ruim vá acontecer. Sem que isso seja motivo para deixar de lutar contra todo racismo e enquadramento normativo, a poeta, ao final de sua declamação, ergue as mãos, cerra os punhos e se prepara para o confronto contra aqueles que desejam o mal delas.

Diante do que foi dito, uma das possibilidades existentes para tentar romper com esses estereótipos e perspectivas equivocadas, são as técnicas de si, ou seja, possibilidades de resistência contra a dominação e o governo dos modos de vida e das consciências (FOUCAULT, 2014; RAGO, 2017; McLAREN, 2016). Foucault, na fase final de sua produção intelectual, discutiu a escrita de si nos últimos cursos ministrados no Collège de France. Ao tematizar a cultura do cuidado de si e problematizar o sujeito, o autor explica a respeito de um conjunto de práticas realizadas na Antiguidade que permitia aos sujeitos se moldarem de forma ética e estética. A partir desses estudos sobre as técnicas de si, que eram feitos em paralelo aos estudos sobre governamentalidade, Foucault percebe o sujeito como alguém que não é produto das técnicas de dominação, mas também não é um sujeito autônomo que independe de sua historicidade. É importante termos em mente que esse tipo de prática não rompe totalmente com o poder exercido sobre os corpos, uma vez que não se pode escapar totalmente das tecnologias de dominação, portanto, a sujeição

à norma permanece, mas, ao mesmo tempo em que existem as técnicas de controle e de sujeição, existem também as técnicas de si que se opõe às de controle.

De acordo com Marilda Ionta, “Na antiguidade, o cuidado de si e a prática da escrita são práticas de liberdade na criação de uma relação autônoma de si para consigo, e o objeto do cuidado é o estabelecimento da harmonia entre corpo e alma.” (IONTA, 2017). A escrita, no entanto, pode funcionar tanto como prática de liberdade, como prática de sujeição. Esta segunda possibilidade vai ocorrer quando a escrita possuir um caráter confessional. Muitas biografias reforçam estereótipos de gênero, portanto, não necessariamente são exercícios de liberdade. Se feita da primeira forma, a autobiografia se configura como um processo de subjetivação; a pessoa se examina criticamente como alguém que chegou a ser o que é em relação aos discursos normalizadores em busca da afirmação de novos modos de expressão subjetiva, política e social.

Quando Foucault publicou, em 1983, o texto “Escrita de si”, apresentou os dois principais tipos de escrita na Antiguidade que tinham como objetivo unir sujeito e verdade, que eram os *hypomnemata* e as correspondências. Os *hypomnemata* se constituíam de cadernos de anotações, de reflexões pessoais, ou qualquer outra maneira de preservar lembranças e memórias por escrito. Era, então, uma memória material de coisas que eram lidas, ouvidas ou pensadas. As correspondências eram cartas enviadas de uma pessoa para outra e que auxiliavam tanto a pessoa que escrevia a carta, quanto a que recebia, a refletirem a respeito dos acontecimentos que ocorriam em suas vidas.

A correspondência foi o ponto de partida para que Foucault desenvolvesse seus estudos sobre os relatos de si. Ionta afirma que

[...] a escrita de si estava inserida num quadro de investimentos em práticas de liberdade, práticas intersubjetivas e relacionais com o mundo exterior, que visavam à autoelaboração constante. O sujeito estava voltado para seu exterior, onde a verdade era recolhida e meditada e não revelada por Deus ou pela ciência. Assim, entre os antigos, a escrita de si visava fortalecer a relação consigo e formar, a partir de múltiplas vozes, um corpo de princípios, uma heurística, uma unidade que amparava o indivíduo e orientava suas ações cotidianas. (IONTA, 2017, p. 151)

A escrita foi um elemento que ajudou os homens a guiarem suas vidas para que eles não fizessem coisas erradas ou consideradas estúpidas e tivessem uma vida bela e sábia. Para além do interesse sobre a escrita de si, Foucault também se dedica

ao cuidado de dizer a verdade, do exercício da liberdade por meio de uma fala franca, desnudada. A liberdade, neste sentido, não é apenas ganhar reconhecimento, mas sim poder se reinventar constantemente. O indivíduo assume a coragem de ouvir verdades, para se transformar lentamente, para configurar um estilo e um modo de vida através de uma existência em constante movimento. Ele considera que as construções subjetivas são processos em que ao mesmo tempo ocorre subjetivação e dessubjetivação, que perpassa os indivíduos durante a elaboração de si mesmo. Nas palavras do filósofo, é a “Coragem do dizer-a-verdade quando se trata de descobrir a alma. Coragem do dizer-a-verdade também quando se trata de dar à vida forma e estilo.” (FOUCAULT, 2011, p. 140). Importante dizer que Foucault não faz uma correlação entre escrever e conhecimento institucional, não significa adquirir erudição, mas sim modelar os saberes que amparam a experiência para enfrentar as dificuldades.

De acordo com Margareth A. Mc Laren em seu livro *Foucault, Feminismo e Subjetividade* (2016, p. 194), os registros de si foram um importante primeiro passo na “subjetivação do discurso” porque sua função primordial era a de moldar o eu; a identidade do escritor é constituída através de sua escolha de quais dizeres e eventos ele considera significante. Além de consolidar a identidade do escritor através de sua escolha de palavras e citações, a prática da escrita de si também serve como um tipo de auto avaliação e reflexão.

Conceição Evaristo nos apresenta a importante noção de escrevivência, apontando que a escrita, além de contar histórias particulares, remetem a experiências coletivas; Evaristo tem uma escrita atravessada por sua vivência como mulher negra na sociedade brasileira. A escrevivência nos convida a reflexão social e é mais uma maneira que as mulheres, principalmente negras e pobres, encontram para fazer com que suas vozes sejam ouvidas em meio a uma vida de muita luta contra o racismo e opressões de gênero. Nessas narrativas, mesmo que as dores de vivências sofridas estejam presentes, o amor, a poesia e a memória ancestral também são tematizadas. Nas palavras da autora durante entrevista concedida ao programa *Estação Plural*, a escrevivência

[...] tem como imagem todo um processo histórico que as africanas e suas descendentes escravizadas no Brasil passaram. Na verdade, ele nasce do seguinte: quando eu estou escrevendo e quando outras mulheres negras estão escrevendo, é... me vem muito na memória a função que as mulheres africanas dentro das casas-grandes

escravizadas, a função que essas mulheres tinham de contar história para adormecer os da casa-grande, né... a prole era adormecida com as mães pretas contando histórias. Então eram histórias para adormecer. E quando eu digo que os nossos textos, é..., ele tenta borrar essa imagem, nós não escrevemos pra adormecer os da casa-grande, pelo contrário, pra acordá-los dos seus sonos injustos. E essa escrevivência, ela vai partir, ela toma como mote de criação justamente a vivência. Ou a vivência do ponto de vista pessoal mesmo, ou a vivência do ponto de vista coletivo. (EVARISTO, 2017)

A escrevivência se constitui, então, como algo que nasce do cotidiano, de lembranças, de experiências de uma vida em particular, mas também da vida de um povo. Valoriza o caminho trilhado por essas mulheres e faz com que essas experiências cheguem até outras pessoas como uma forma de compartilhamento e de denúncia, se configurando como uma técnica de transformação da própria individualidade e das relações assimétricas sociais.

Não podemos deixar de pensar na interferência que o feminismo tem na coragem dessas mulheres de exporem suas vivências. Segundo Margareth Rago, em *A aventura de contar-se: feminismos, escritas de si e invenções da subjetividade* (2013), o feminismo proporcionou novos sentidos às ações das mulheres e à sua participação na vida social, política, econômica e cultural e gradualmente está desfazendo as fronteiras entre a vida privada e a vida pública, que, é um dos grandes problemas que fazem com que as mulheres participem pouco das decisões da vida pública. O feminismo criou ferramentas de enfrentamento às imposições de conduta e proporcionaram novos modos de existência libertários para as mulheres e a escrita de si e a escrevivência, como nomeada por Evaristo, são exemplos dessas ferramentas.

É possível pensar em como as poesias declamadas e performadas nos *slams*, são uma recusa em conduzir as existências de acordo com normas prescritas e que são impostas para controlar as escolhas. Margareth Rago (2015, p. 106) diz que a exposição de vivências se coloca como atitude crítica aos valores morais e às verdades estabelecidas, apontando tanto para um trabalho sobre si quanto para a luta em defesa da dignidade e da justiça social, luta em busca de um mundo menos precário para grupos subalternizados.

Nas declamações das poesias, a produção de sentidos é articulada à perseverança de uma forma de agir que tenta produzir um mundo que seja habitável. A definição do que é uma vida humana, segundo Marielle Macé (2018), requer que não seja possível subestimar o agenciamento que lhes permite escapar dos

constrangimentos que recaem sobre elas. Estas mulheres são frequentemente sobreviventes e estão em busca de novas maneiras de inventar os padrões que definem valorizações sociais e modos de autovalorização.

É fundamental ressaltar que o cuidado de si não é um cuidado egoísta e individualista, pois está intimamente ligado à amizade. Ionta, em um dos capítulos do livro *Michel Foucault e as insurreições: É inútil revoltar-se?*, ao fazer uma reflexão a respeito da amizade para Foucault, discorre que ele compreende as amizades como espaços privilegiados de contraconduta:

As contracondutas parecem ser silenciosas, duradouras, insidiosas. São formas de agir no interior do campo de forças num duplo sentido: recusando as regras do jogo estabelecido e criando outros jogos. Com isso, colocam em risco os dispositivos de governamentalização [...]. A força política da amizade reside na falta de controle dos poderes sobre os afetos intensos que surgem nessas relações. [...] As amizades são incontroláveis, ingovernáveis em suas emergências, multiplicidades e plasticidades. (IONTA, 2017, p. 379)

Dessa forma, Foucault fala de uma força política da amizade; é interessante pensarmos que a governamentalidade neoliberal não controla os afetos profundos, que configuramos juntos aos outros e que transformam as práticas de existência de todo um coletivo. Amizades transformam situações de extremo sofrimento e violência em um espaço seguro, de proteção e aconchego. Segundo ela,

a amizade na atualidade, segundo Foucault, pode se aproximar da arte. Uma arte do com-viver dotada de critérios éticos e estéticos. Estéticos não porque sigam regras de composição, tampouco porque sejam relações belas e perfeitas, [...] mas porque são criativas, guardam a liberdade de criação e a potência política dos afetos intensos. Ao lado do corpo, do modo de vida artista, a amizade é para Foucault um *lócus* privilegiado de resistência às investidas do biopoder na contemporaneidade. (IONTA, 2017, p. 376)

Essa amizade se constitui, entre outros motivos, por meio da recusa de serem governadas, e quando não aceitam as imposições e rótulos que tentam lhes impor, essa é uma forma de questionamento dos mecanismos de sujeição. Construir relações de amizade são maneiras de cuidar de si e da outra, se configurando como uma prática de transformação mais ampla dentro das relações sociais. Dizer não é uma forma de rebelar-se, de reconfigurar modos de agência; é extrapolar o sentimento de indignação e de produzir fissuras nas agressões físicas e simbólicas.

Considerações finais

Este artigo buscou em um primeiro momento, abordar a respeito da divisão das funções sociais a partir do gênero, que se torna um dos motivos para que as mulheres queiram ocupar as ruas, lugar que desde a antiguidade foi negado a elas. Além disso, a precariedade e a vulnerabilidade desigualmente distribuídas também se tornam um motivo que as impulsiona a batalhar, com suas palavras, por um mundo menos injusto e mais possível de ser vivido. Diante disso, a ideia que é defendida no artigo e a conclusão a que se chega, é a de que o fato de mulheres ocuparem espaços públicos como é feito nos *slams* se torna um ato político e de contestação. A presença das mulheres nos *slams* e as poesias que declamam podem despertar em quem assiste reflexão, entendimento, conscientização e a tomada de atitude política sobre injustiças sociais. A partir disso, torna-se um movimento contra hegemônico, que critica a estrutura social estigmatizadora em que vivemos e serve como fomentador do pensamento crítico e porta-voz de sujeitos dispostos a reivindicar direitos sociais. Uma mulher que declama poesia sobre o machismo pode, por exemplo, conscientizar seus amigos homens a respeito da gravidade deste problema e fazer com que eles próprios mudem suas atitudes e ajudem outros amigos a se conscientizarem também.

Os temas abordados por essas mulheres, e os relatos das próprias experiências em forma poética podem contribuir para a ruptura de estereótipos. Esses relatos podem tirar as mulheres de um lugar de silenciamento, pois fornecem um espaço público de atenção e escuta que historicamente não era acessível a elas, dando oportunidade para que elas possam expressar-se por si mesmas. Compreender a relevância dos aspectos políticos dessas performances pode auxiliar no entendimento das experiências pessoais transformadas em poesia como forma de combate às desigualdades sociais e de gênero.

As noções de performatividade, precariedade e vulnerabilidade embasaram a discussão feita a partir de reflexões de Judith Butler, que se preocupa com a distribuição desigual das precariedades na sociedade, com as vidas consideradas passíveis de luto e com as vidas descartáveis. Ao abordar, mesmo que não de maneira aprofundada a noção de enquadramento, buscou-se alertar para o papel das imagens midiáticas, que é extremamente importante para estabelecer esse julgamento de quem é humano ou não é. É importante pensar como os meios de comunicação produzem o paradigma da humanidade por meio do prestígio a

determinadas figuras e do desprezo a outras. A grande maioria das imagens midiáticas não nos ajuda a escutar a alteridade, pelo contrário, apaga essa voz, faz com que ela seja transformada em um ruído.

Para encerrar, foi trazida a noção de escrita de si, que se trata de tornar-se sujeito de si mesmo pelo trabalho de reinvenção da própria subjetividade. É uma maneira de ir contra as formas contemporâneas de controle biopolítico dos corpos e de afirmação de novos modos de expressão subjetiva, política e social. Além disso, foi abordada a potência política da amizade feminina, onde as mulheres unidas dizem não à imposição de como devem conduzir suas vidas.

Referências

ARENDDT, Hanna. **A condição Humana**. 10. ed. Rio de Janeiro: Forense, 2005.

BUTLER, Judith. **Corpos em Aliança e a política das ruas**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

BUTLER, Judith. Vida precária. **Contemporânea – Revista de Sociologia da UFSCar**. São Carlos, n. 1, p. 13-33, 2011.

D'ALVA, Roberta Estrela. **Um microfone na mão e uma ideia na cabeça – o poetry slam entra em cena**. Synergies Brésil. n. 9, p. 119-126, 2011.

EVARISTO, Conceição. **Escritora Conceição Evaristo é convidada do Estação Plural: depoimento** [jun. 2017]. Entrevistadores: Ellen Oléria, Fernando Oliveira e Mel Gonçalves. TVBRASIL, 2017a. YouTube. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Xn2gj1hGsoo>. Acesso em: 8 jul. 2023.

FLUP RJ. **Rio Poetry Slam 2015 | Porsha O. - "Medo"**. Youtube, 2016. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=OTaqZvFB8jQ>. Acesso em: 24 jul.2023.

FOUCAULT, Michel. O sujeito e o poder. *In*: MOTTA, Manoel Barros da (org.). **Ditos e escritos**, v. 9: Genealogia da ética, subjetividade e sexualidade. Rio de Janeiro: Forense Universitária, [1982], 2014.p.118-140.

IGNÁCIO, Ana. Roberta Estrela D'Alva, a voz pioneira nas batalhas de *slam* pelo Brasil. **Portal Geledés**, 22 out. 2018. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/roberta-estrela-dalva-voz-pioneira-nas-batalhas-de-slam-pelo-brasil/>. Acesso em: 28 abr. 2023.

IONTA, Marilda. Das amizades femininas e feministas. *In*: RAGO, Margareth; GALLO, Silvio (orgs.). **Michel Foucault e as insurreições: É inútil revoltar-se?** São Paulo: Intermeios, 2017. p. 375-386.

MACÉ, Marielle. **Siderar, considerar: migrantes, formas de vida**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2018.

McLAREN, Margareth A. **Foucault, Feminismo e Subjetividade**. São Paulo: Intermeios, 2016.

RAGO, Margareth. **A aventura de contar-se: feminismos, escrita de si e invenções da subjetividade**. Campinas: Unicamp, 2013.

RAGO, Luzia Margareth. A coragem feminina da verdade: mulheres na ditadura militar no Brasil. **Caderno Espaço Feminino**, Uberlândia-MG, v. 28, n. 2, jul./dez. 2015.

ROMÃO, Luíza. **Relatos de um país fálico (Pau-Brasil)**. Youtube, 2018. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=XP_4_p-pKa8 Acesso em: 9 jul. 2023.

VELASCO, Clara; GRANDIN, Felipe; PINHONI, Marina; FARIAS, Victor. Brasil bate recorde de feminicídios em 2022, com uma mulher morta a cada 6 horas. **G1**, 08 mar. 2023. Disponível em: <https://g1.globo.com/monitor-da-violencia/noticia/2023/03/08/brasil-bate-recorde-de-feminicidios-em-2022-com-uma-mulher-morta-a-cada-6-horas.ghtml>. Acesso em: 22 abr. 2023.